

Às vezes sentimo-nos presos num sentimento de desconfiança e angústia: é o medo de falhar, de não ser reconhecido e amado, o receio de não ser capaz de realizar os próprios projetos, de nunca ser feliz, e assim por diante. Então lutamos para procurar soluções, para encontrar algum espaço onde sobressair, para acumular bens e riquezas, para alcançar seguranças; e como acabamos? Acabamos por viver na ansiedade ...

Papa Francisco, *Angelus*, 7 de agosto de 2022.



Boletim de Espiritualidade

1 SETEMBRO 2022
Ano IX Nº 99

99



Agenda setembro 2022

- 1 a 9 **Lisboa** (UCP) – Inscrições: Formação Avançada em Teologia Prática [🔗](#)
- 2 a 4 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXII RUMOS, encontro para jovens [🔗](#)
- 4 **Vatiano** – Beatificação do Papa João Paulo I [🔗](#)
- 5 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 4 **Fátima** (Santuário) – IV Encontro na Basílica: Ricardo Rodrigues [🔗](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – Recolecção: Frei Rui Carlos Almeida Lopes, OP [🔗](#)
- 6 a 9 **Fátima** (Casa N. S. do Carmo) – XXIII Encontro Nacional para Juristas [🔗](#)
- 15 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 17 **Leiria** (Seminário) – Pontes de Encontro [🔗](#)
- 18 a 24 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *Todos irmãos/as. O desafio da fraternidade na vida consagrada* – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF [🔗](#)
- 19 a 27 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 22 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 23 **Lisboa** (UCP) – Formação Avançada em Jornalismo e Religiões - B-learning [🔗](#)
- 23 **Fátima** (Santuário) – Escola do Santuário: Retiro [🔗](#)
- 23 a 25 **Jesuítas** (CVX) – Curso de animadores [🔗](#)
- 25 a 30 **Bragança** (Palaçoulo) – Verão vocacional [🔗](#)

Agenda outubro 2022

- 1 a 8 **Bragança** (Palaçoulo) – Verão vocacional [🔗](#)
- 3 **Fátima** (Santuário) – Recolecção: P. Simão Pedro Ferreira da Costa, IMC [🔗](#)
- 4 **Lisboa** (UCP) – Formação Avançada – O Papa Francisco e a Questão Moral [🔗](#)
- 6 a 9 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 7 a 9 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama II [🔗](#)
- 13 **Online** – Curso Bíblico: A Bíblia, palavra de Deus inspirada – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 13 a 16 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 13 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 e 15 **Lisboa** (UCP) – Congresso missionário: *Fraternidade sem fronteiras* [🔗](#)
- 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – A Arte do Encontro [🔗](#)
- 16 a 22 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *Todos irmãos/as. O desafio da fraternidade na vida consagrada* – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF [🔗](#)
- 17 a 19 **Fátima** (Steyler) – Encontro da Pastoral Social : *A pandemia, a guerra e os pobres* [🔗](#)
- 17 a 21 **Fátima** (Santuário) – Retiro: Jorge Manuel Faria Guarda [🔗](#)
- 20 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 21 a 23 **Fátima** (Domus Carmeli) – X Congresso de Espiritualidade: *A arte de viver em comunhão* [🔗](#)
- 28 a 31 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)

2 a 4 setembro

RUMOS

temas
testemunhos
momentos orantes
casais | partilha
acompanhamento
Sacerdotes
convívio
Eucaristia
diálogo | religiosos
vigília de oração

Domus Carmeli, Fátima



Fraternidade, essência da humanidade

Armindo Vaz, OCD

Na história bíblica de Caim e Abel (Gênesis 4), o narcisista Caim conheceria melhor o seu *eu* se o visse ao espelho do irmão Abel, que com ele partilhava origem, sangue e vida. De facto, não era irmão por lei. Era irmão por sangue, por dom e generosidade dos pais. Rompendo os laços de sangue, profanou a fraternidade, perdeu os direitos e os bens que o sangue dá aos irmãos. Por isso, o relato figurativo faz do assassino do irmão um *falhado*, um fugitivo sem lar, desnaturado sem meta e sem repouso, sem objectivo pelo qual viver, degradado sem rumo e sem Deus, ameaçado pelo desamparo: “obrigado a ocultar-me longe da Tua face, terei de andar fugitivo e nómada pela *terra*”. A violência torna-o *desterrado*, expatriado, deserddado do solo fértil. A expulsão para longe do solo arável simboliza eficazmente a alienação do fraticida, que matou a harmonia de si próprio com o seu mundo ambiente. A violência mortífera fez dele um vivo morto, ao fazer-lhe perder a família e o lar, primeira estrutura de acolhimento e referência espacial fundamental do ser *humano*.

O relato insinua ainda: na rede social entre irmãos de sangue, a agressão brutal volta sempre ao seu autor, em forma de *boomerang*: depois de fazer mal aos familiares e causar catástrofes no círculo dos vizinhos, mata muita coisa no próprio agressor. E não é Deus que aplica o castigo. Se a história de Caim e Abel põe Deus a punir o fraticida, significa com essa acção simbólica que o castigo é inapelavelmente aplicado pela própria vida: nem Deus o consegue evitar; também significa que o mal feito é gravíssimo. Faz entender que Deus não larga o violador da harmonia da criação em curso (na narração): a consciência própria condu-lo ao horror do seu acto execrável, ao subsolo que engoliu o sangue/vida da sua vítima. Sugere que é imperioso estimar a vida antes de qualquer outra coisa, pois só tendo vida se pode dar sentido à vida.

Porque a palavra *irmão* em hebraico estende o seu alcance a vários graus de parentesco, consanguinidade e afinidade, cobrindo com a sua significação os membros da grande família, da tribo, da comunidade, do povo e os amigos, este processo de expansão semântica alarga o sentido de *fraternidade* a todos os humanos. Se é verdade que a história de Caim e Abel os apresenta figurativamente como irmãos de sangue, a força transfiguradora deste relato das origens transfere a fraternidade do plano biológico para o plano universal e para o campo da vontade, do amor afectivo e efectivo, no mais amplo sentido de *irmão* em hebraico. Foi o que Jesus fez declarando aos discípulos: “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8). Este alcance universal da fraternidade, que institui a cultura da vida e rejeita a cultura da morte, fica mais aberto pelo profeta Malaquias: “Não temos todos um único pai? Não nos criou um só Deus? Porquê então uma pessoa atraiçoa o seu irmão profanando a aliança dos nossos pais?” (2,10). Ter uma única origem, divina, é o fundamento mais exigente de fraternidade, biológica e universal.

Ao nível da *releitura* existencial, a pergunta divina ao fraticida (“onde está o teu irmão?”) pede aos humanos contas da irmandade que formam. A resposta a essa pergunta poder-se-ia articular com outra que, em contexto diferente, a Bíblia põe *na boca dos* “adversários que me insultam e me vão repetindo todo o dia: «onde está o teu



Caim conduzindo Abel à morte (cerca de 1896 a 1902)
TISSOT, JAMES – Museu Judaico de Nova Iorque

Deus?»” (Sl 42,4.11). O Novo Testamento responderia que Deus está em ti, meu irmão: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes” (Mt 25,40); “se alguém disser «eu amo Deus» mas tiver ódio ao seu irmão, é mentiroso, pois aquele que não ama o seu irmão a quem vê não pode amar Deus a quem não vê. E nós recebemos dele [Jesus] este mandamento: Quem ama Deus ame também o seu irmão” (1Jo 4,19-21). Mas já em Gn 4 o irmão irrompe na vida do outro e interpela-o pedindo respeito, exigindo *resposta*, isto é, *responsabilidade* de ‘estar lá’ para ele, porque lhe diz respeito, responsabilidade que também é diante de Deus, criador da fraternidade: procura o teu irmão e encontrarás a verdade de ti mesmo. Nenhum humano pode demitir-se de ser irmão: “Ou somos irmãos ou tudo se desmorona” (Papa FRANCISCO, Mensagem para o Dia Internacional da Fraternidade Humana, 4.2.2022).

O evangelho de João (8,44) *reinterpreta* o fraticídio de Caim, sugerindo que a morte violenta não é tolerada por Deus: “O diabo... foi homicida desde a origem e não estava pela verdade, porque nele não há verdade. Quando diz o que é mentira, fala a partir do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”. De facto, o mal de Caim fora enganar-se a si próprio. Ao ouvir a sua própria mentira, deixou de ver a verdade e a força da fraternidade instituída pela criação, perdendo o respeito por si e pelo irmão. «Falhou o alvo», permitindo à inveja produzir a violência. De facto, a inveja não valoriza o outro nem acarreta prazer ao próprio; é, por essência, contra a fraternidade e contra a igualdade.

Segundo Gn 4, o ser humano não foi criado para a violência mas para a fraternidade. A violência não faz parte da natureza humana. É filha do ódio. Não tem memória. Esquece que todos os humanos são irmãos. A carta aos Hebreus (11,4), arquivo de memórias do Antigo Testamento, *relê* assim a figura de Abel: “estando morto, ainda fala”. Enquanto o fraticida se tornou um vivo morto, Abel é um morto vivo. A personagem simbólica e o seu sangue derramado continuam a gritar nesta página bíblica, emprestando a sua voz *original* às vítimas inocentes da história humana e denunciando a violência fraticida como negadora da própria humanidade. Abel mantém altos os valores e a essência da humanidade, aviltada pelos fraticidas. Faz acreditar que o futuro da humanidade não será de violência mas de solidariedade e de fraternidade ilimitada, em que o ser humano não será *lobo* para o homem, mas *irmão* para o homem. A resposta à pergunta da irresponsabilidade “sou porventura guarda do meu irmão?” estará no hino à alegria fraterna: “Oh, que bom e amável é conviverem os irmãos em harmonia!” (Sl 133,1).

21 a 23 outubro 2022

A Arte de Viver em Comunhão

X Congresso de Espiritualidade

Domus Carmeli, FÁTIMA
congressos@domuscarmeli.net

Organização
Institutos de inspiração
carmelita e teresiana

**I. Conferência: Encontros e desencontros Igreja-Mundo:
a graça difícil da comunhão**

P. José Frazão Correia, SJ

II. Conferência: Para uma comunidade à volta de Jesus

Dr. José Carlos Carvalho, UCP Porto

III. Conferência: A sinodalidade do Papa Francisco

P. Tiago Freitas, UCP Braga

IV. Conferência: A espiritualidade da comunhão

P. Renato Pereira, OCD

V. Conferência: Bloqueios e obstáculos à comunhão

Dr. Joaquim Coimbra, Faculdade de Psicologia, UP

VI. Conferência: Teresa de Jesus, santa e conversável

Ir. Maria Dolores Iglesias, STJ

Painel: Cultura do encontro

1º Jovens em comunhão e missão
Carolina Figueiredo, MTA e Missão País

2º Caminhar com os cristãos
de outras confissões

Pastor Jorge Humberto, Aliança Evangélica

3º Ao encontro das periferias
Ir. Fátima Magalhães, STJ

Domus Carmeli

Rua Imaculado Coração de Maria, 17
2495-441 Fátima

Tel: (+351) 249 530 650

domus@domuscarmeli.net

Formação Avançada em Teologia Prática

Contributo para a programação do Ano Pastoral



A Faculdade de Teologia realiza, ao longo do ano académico de 2022/23, a 2.ª edição do curso de formação avançada na área da Teologia Prática (Teologia Pastoral). Este curso constitui um contributo para a programação do Ano Pastoral, realizado pelos Seminários e Casas de Formação e uma oportunidade para a formação permanente do clero e agentes de pastoral interessados em aprofundar os seus conhecimentos teológico-pastorais. O curso decorre de setembro de 2022 a julho de 2023. [🔗](#)

XXII Rumos

Encontro para jovens



Os Carmelitas Descalços vão realizar um novo encontro *Rumos* de 2 a 4 de setembro de 2022, em Fátima. Este evento conta com a participação de jovens em processo de clarificação e opção vocacional. Orientados por uma equipa formada pelos diferentes ramos do Carmelo: dois casais, uma religiosa, um sacerdote e dois animadores, estes jovens poderão desfrutar de um acompanhamento personalizado, de forma a serem ajudados a ler os sinais que em cada um vão surgindo para uma das grandes vocações: matrimónio, sacerdócio, vida consagrada ou vida laical. [🔗](#)

Pontes de Encontro

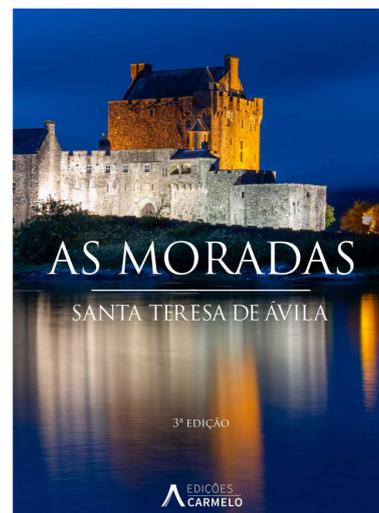
17 de setembro de 2022



Associação de Psicólogos Católicos (APSIC) vai realizar um seminário sob o tema *Pontes de Encontro*. A iniciativa visa proporcionar um espaço de encontro e reflexão acerca do papel do psicólogo católico, identificar desafios e oportunidades, criar pontes e abrir caminhos de atuação da APSIC. O encontro terá lugar no Seminário de Leiria, no dia 17 de setembro de 2022. Será conferencista o professor Juan Ambrósio, que abordará os "*Desafios e oportunidades para a vivência da missão cristã*". Haverá também uma sessão de mesa redonda com a intervenção de António Pinto Leite, Inês Quadros, Maria Teresa Ribeiro e Teresa Souto Moura, moderada por Henrique Mota. Terá ainda lugar um grupo de trabalho que tratará o tema "*Desafios e Oportunidades do psicólogo católico*". [🔗](#)

As moradas

Santa Teresa de Jesus



As Moradas ou *Castelo Interior* é mais que um livro. É um símbolo maravilhoso do mistério do homem. É a alma da sua autora, Teresa de Jesus, que se vai movendo e elevando de morada em morada. É um programa – feminino mas batalhador – da vida espiritual do cristão. É também um livro, o último livro escrito pela Doutora da Igreja, Teresa de Jesus, que, um lustro antes de morrer, depositou nele o melhor do seu saber, aquilo que, na sua experiência, os anos foram decantando e depurando. Fruto amadurecido da sua última etapa terrena, o *Castelo Interior* traduz o período definitivo da sua evolução espiritual e completa a mensagem das obras anteriores: *Vida e Caminho de Perfeição*. [🔗](#)

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustrO

O Mistério de Simone Weil.

Partindo das suas mais essenciais assunções filosóficas – a beleza, a justiça e o mal –, Simone Weil convoca também o direito e a democracia a este debate sobre a pessoa, isolando-a de qualquer colectividade, partido ou instituição, para se centrar no que é sagrado – e o que é sagrado é, afinal, sustenta Simone Weil, «aquilo que, num ser humano, é impessoal», assim se refere Maria Paula Figueiredo no seu artigo. [🔗](#)

O "Desconcerto" da Sabedoria.

«Abordando-se o Desconcerto da Sabedoria continua o tema da Sabedoria da Cruz: os desconcertos são mais demorados que os concertos. Usa-se a mesma estrutura, que termina com uma oração para ser rezada por todos». É desta forma que a Irmã Sofia da Cruz nos convida a entrar na ala do seu claustro, a subir ao miradouro da Cruz e desde aí lermos com ela no livro da vida. [🔗](#)

Rosa branca

Frei João Costa, OCD

Sempre me estremeceram as cenas do estilo que a seguir contarei. Primeiro, porém, é precisão que vos conte que este ano a imagem da Senhora do Carmo ficou todo o seu mês num trono que lhe preparáramos, à entrada do presbitério. Pusemos-lhe flores e lamparinas, e os devotos trouxeram-lhe flores, orações, novenas e pedidos e, por estranho que pareça, um pequenino canivetezinho, um alfinete de ama, grande, por sinal, e um pin das Guias de Portugal. As flores eu compreendo, e que, dia em pós dia, volvessem a trazer mais, também, e velas também, novenas e orações e lágrimas e pedidos, óbvio que sim. Mas já não encontrei explicação para lhe terem trazido o canivetezinho, o alfinete e o pin.

Outro esclarecimento: nada me atreveria a contar se não tivesse claramente visto o que a seguir descreverei. Sim, uma rosa seria apenas mais uma rosa, se eu a não tivesse visto chegar e ao modo como chegou.

A coisa sucedeu no dia 5 de agosto, memória litúrgica da dedicação da Basílica de Santa Maria Maior. Sim, notaram bem, quase uma semana depois do fim do mês do Carmo, a imagem da Senhora do Lugar permanecia plantada no presbitério, não por inércia ou esquecimento, mas por algo me bater por dentro, impedindo-me de a retirar dali. De facto, sempre que pensava em retirá-la, terna mão mo empecia.

Estava eu, pois, posto em ledoo silêncio, na igreja, dispondo os livros para o dia da Transfiguração, e eis que o olhar se me alevantou, logo que algo me disse: levanta os olhos! Eu alevantei e vi subir pelo lusco-fusco adentro um homem nem baixo nem alto, algo para o magro, de barba rebelde e agreste, já velho, cambado e gasto. No andar percebi solenidade, nos pés umas botas pesadas rematando debotado fato, passageado aqui e ali. Estacou a três metros da imagem e, num embaraço que lhe atava a língua, apontou com o olhar para a Senhora. Embaraçado me vi eu também, sem me inteirar se por causa de alheio embaraço, ou se por ter visto que ele vira que o espreitara subindo igreja acima.

(Uma coisa garanto: continua a ser verdade que quem vê caras não vê corações!)

Estávamos, pois, reconheço, dois homens embaraçados, um diante do outro, e os dois diante da Mulher. Foi então que inteira luz se abriu sobre a singela rosa branca que ele portava na mão. Percebi aí que ele a queria deixar no escasso trono da Senhora. Ah, aí virei Marta solícita, que sim, que sim, por aqui e tal, desta maneira ou como você quiser, dizia-lhe, enquanto afastava uma lamparina para escancarar espaço. E o homem nada, nada dizia. Nada se movia. Embaraçado ou não, nada disse.

Tomei-lhe a rosa e coloquei-a aos pés da Senhora. Mirei-o, e ele assentiu. E pensei: se bem não está, melhor não sei, e a Senhora nos aceite assim. E como melhor não sei, é assim que fica. E assim ficou.

Acreditei: como naquela hora não sabia como deslçar o impasse, aberta lhe estendi a mão direita e ele a sua. Apertamo-nos tanto quanto dois corações se



podem afagar. Era a sua calosa, estriada e mais forte que a minha. Os olhos mirei-lhos mal, porque sobre eles chuva grossa descia. Agradei-lhe, sim, o terno gesto, com um singelo obrigado. Ele virou costas e ajoelhou no terceiro ou quarto banco em frente da Mulher, e eu naquele que mais ilumina o olhar de São José, que é donde melhor eu lhe faço mira aos olhos.

Recolhido ali aguardei pelo meu companheiro de Vésperas. É justo que diga não recordar o tempo da demora; sei sim, que a vespertina récita foi das mais breves, por ser aquela a tarde com os salmos mais pequeninos. Rezámos tudo sem mudar um til ou uma vírgula das rúbricas, ou não fosse canonista o meu sócio.

Como quem preside, é quem dá a bênção, ao dá-la, virei-me e vi o homem a meu lado:

– O senhor é padre, questionou-me a medo?
– Sou frei.

– E isso que é?! Pensei que por rezar dessa maneira... mas não é padre?

– Sim, descanse; também sou padre!
– Ah, bem me queria parecer!

– Sim, amigo, não se enganou, não.
– Então, confesse-me!

– Confessá-lo?! Estou aqui descalço, de calções e t-shirt... O senhor acredita que sou padre?

– É qu'eu precisava de ser confessado.
– Mas, e se eu não sou padre?!

– Deve ser: para rezar dessa maneira...

Confessei-o. Soube-lhe o nome e a longa travessia por sofridos mares nunca dantes navegados; ou quase. – Há cada história, João, dizia-me eu de mim para mim, enquanto o ouvia. Há cada sofrido monumento, meu Deus!

(Como é sabido, não contarei nada do que ali me foi dito; mas do de fora sim, ainda que licença não tenha tirado.)

Tem oitenta e nove anos, é emigrante sem bandeira, ou andarilho impenitente, não soube bem; mas, de cando em bêz bira a quilha p'ra Portugal, por ter cá berço de vimes colhidos nas bordas de vetusto arroio-

zinho, escorrendo, algures, pelo profundo verde Minho a baixo; e ama a Estrela do mar.

– Eu tinha de cá bir, senhor padre, eu tinha de cá bir, insistia-me. Eu tinha de cá boltar, ómessa. Depois desta pedemia, antes q’o barco se m’afunde, eu tinha de cá boltar. E boltei. E Ela estava aqui, esperava-me aqui, aqui nesta igreja, nesta tarde, para me abençoar.

E, de chapéu desleixado na mão, debitando sem parar:

– Conhece a canção colomba nera? Aprendi-a num beilho cargueiro, que não parava de ringer – há navios assim, sabe? –, durante uma tempestade, no alto mar.

Roncou-me uns versos num dialecto que não reconheci.

Não conhecia tal canção, lhe confirmei.

– Saiba, senhor padre, com todo o respeito lho digo, eu nasci com uma colomba nera no coração. Esta foi a minha condição: cando ao mundo cheguei, já trazia comigo uma colomba nera, bem mais beilha do que eu. É; eu que sou antigo, trago há muntos séculos uma negra colomba no coração. Nunca a assustei porque até tenho tido mais sorte q’outros, onde só medram cardos e lacraus. Mas no meu, ao nascer, vinha aninhada uma colomba nera. Tenho sorte; apesar de tudo, para passar o que eu passei, até sou home de sorte. Embora fosse moléstia, nunca soçobrei totalmente.

– Alguma bês ajoilhei diante da negrura, mas nunca inteiramente vencido. Também nunca pedi a Deus que ma ‘spantasse ou q’a botasse borda fora. É verdade que, com’a outros, nunca os lacraus me envenenaram. Mas ela ficou-me aqui, aqui, note bem, ela ficou-me aqui, aqui, noite e dia.

E apontava para o batente do coração.

– Ela restou-me aqui, negra, negra, da cor da noite, negra, com’ó mar profundo! Sabe, só tive dias da cor da noite, negros, sem luz, sem dia. É bem berdade, na vida não ‘xprientei mais q’o sabor do pão ‘scuro. O senhor não pode imaginar; nem sei s’alguém poderá ‘xperimentar o mesmo q’eu: tudo negro, negro! Tudo negro em bolta; que coisa, senhor padre!... Até o pão prá boca era negro. As lágrimas, negras; e o sangue...

– Olhe q’eu cego num sou, mas também num conheci outra cor na minha bida! Mas há em mim uma coisa do tamanho duma sementinha: por maor que fosse a noite nunca deixei que m’arreatasse, porque eu cria que além, mais além, às vezes muito além, pr’além do olhar, ou por cima das nubens negras, eu sentia que há uma Estrela do mar que nos guia. Ao menos, a mim, sim, guia.

– E então, neste berão eu bim à terra. Falaba-se tanto de secura que eu bim ber s’o meu bolhão d’oiro secaria. Mas não. Tinha limo, era um fiozinho que acaijo num cantaba, mas ainda corria. E então, senhor padre, abanquei-me. Quedei-me ali sem dar de mim nem ber as horas passar. Sabe com’é: a jente não tem quem no’spere, por isso é igual que chegue a qual hora chegue, que todas são neras. E bota que num bota, por ali fiquei. O dia tinha-se desapertado quente e a tarde ia muito pró abafado. Até que s’estaba bem ali, compriende? Além disso, tirando as bordas do ribeirico já nada em bolta ‘staba verde: ‘taba tudo seco e amarelado com’a doença. Num é qu’em bolta se bisse fogo, mas par’cia q’o mundo ardia por todo o lado, lá p’los altos. E eu ali, a

ber, a ber, a ber aquele bolhãozinho a nascer, a nascer, a nascer, a correr. Que mistério é a bida! O senhor beija bem: era eu e ele, à conversa. Num sei se me’xplico, porque ele corria na mesma, pelas leiras a baixo, pelos montes a baixo, pelo caminho dele, bem entendido, mas nós ‘stávamos ali, os dois, cada um a chegar-se à fala, à conversa com o outro.

(Por momentos, parou para retomar o fôlego, ou a coragem, ou ambos.)

– Bota daí, o senhor padre julgará que sou tolo. Mas num sou. E num bebi, que me deixei disso há munto; ou, vai daí, i num intende nada do que le digo; mas bem l’agradeço que ‘steija aqui pra m’oubir, porque eu preciso muito de ser ouvido, sabe? Então ‘staba eu a falar q’o córregozinho, que naquele lugar é coisa miudada...

Sabe, um ribeirinho num fala; mas também há falar e falar. E s’a gente se dispor a oubir, até que fala. E a gente pode falar qu’ele oube-nos. Mas Vossemecê num s’estranhe, q’a cousa é mais ou menos assim, como le sigo dizendo. Segue-se: estábamos os dois assim, e a tarde, quente com’um braseiro, ia pra mais de meio. E então num é que beio uma palomica mansa beber ali no arroio-zinho? O senhor padre até que pode ‘stranhar, mas eu digo-le mais, e até gostaria de saber a sua opinião: pois ficou a saber qu’a palomica era blanca! Blanca, senhor padre, com’ás da paz! Beija se m’intende, senhor padre: eu nunca tinha bisto uma palomica blanca na minha vida; e ó se sou velho! Em mim sempre amandou a colomba nera; beija bem o senhor se m’intende, percebe?

(Que sim, assenti.)

– E então, explique-me agora: o que quer dizer aquela palomica blanca, qu’eu nunca bi e só bi naquela tarde?

– Não sei, senhor; confessei, humilde. Será que...

– Olhe, foi aí que m’alembrei da Senhora do Carmo, a ‘Strela do mar e cura do mundo. E disse: Albino, tens d’ir a Braga, à Senhora do Carmo, lebar-lhe uma rosa branca! Merquei uma na bila, e aqui ‘stou eu, plantado diante de si! E agora, diga-me: o senhor padre quando acha que bou morrer?

Por dentro, o coração desempertigou-se-me num pinote ao revés; atarantado fui à procura de palavras e, sem mais desembrulhar, atirei-lhe as primeiras que encontrei:

– Olhe, senhor Albino, novo é que o senhor já não é; e cada um morre na sua vez. Mas uma coisa lhe garanto: por agora, o senhor não vai ao fundo! Ainda tem muito pra navegar! E, já agora: alguma vez reparou que depois do navio passar, o caminho do mar volta a fechar e ninguém sabe dizer por onde ele é ou era? Pois é, ou muito me engano, ou o senhor é como um navio: passou e vai passando, e passará, pelos caminhos deste mundo, sem o ferir nem o dividir! E isso é muito agradável a Deus! Vá descansado para casa, fale à vontade com o seu córregozinho tudo o que tiver de lhe falar, porque maluco Você não é! Nem se assuste com a colomba nera, que ela é irmã da palomica da paz! E a Estrela do mar o guie!

– Ó Senhor padre, pois essa é qu’essa! O milagre da ‘Strela do mar é mesmo esse: agora, desde há dias, a única colomba que trago em mim é palomica blanca, sabia?

E, marujando-se-lhe os olhos, marujou-me os meus.